



BAILE BLACK SOUL: EDUCAÇÃO E LAZER NO CORAÇÃO DE UMA METRÓPOLE NO SÉCULO XXI

Autor Luiz Carlos Felizardo Junior Mestre em Educação (FAE/UFMG), Doutorando em Lazer (EFFETTO/UFMG), Bolsista CAPES, Juventude educação na cidade (GEPEC/FAE/UFMG), felizardojr@hotmail.com
EIXO TEMÁTICO: SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DIVERSIDADES

RESUMO

Apresentamos e discutimos, neste escrito, alguns resultados do estudo em curso *Black Soul, juventude e educação: processo de formação entre grupos de idade e transgeracional em um baile público no centro da metrópole belo-horizontina*, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – na linha Lazer e sociedade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de orientação etnográfica, epistemologicamente situada no paradigma da complexidade e das teorias sistêmicas, inscrita na perspectiva interdisciplinar, por meio da qual se objetiva conhecer e compreender as dimensões educativas mobilizadas nos processos de formação entre grupos de idade e transgeracional, vivenciados no lazer, numa prática sociocultural específica.

Palavras-chave: Educação; transgeracionalidade; grupos de idade; estilo Black Soul.

Introdução: O baile Black Soul: história de lazer que educa na cidade

O estilo musical Black Soul chegou ao Brasil no final dos anos de 1960 como produto da indústria cultural estadunidense (ALVES, 2010). A formação do público consumidor deste produto foi fomentada pelos meios de comunicação de massa, com destaque para o rádio que estava em ampla expansão desde os anos de 1930 (FRANCISCO, 2014). Tratava-se de um contexto de prosperidade e crescimento econômico, iniciado nos anos de 1950, quando da passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbana (VIANA, 1998; GIACOMINI, 2006), e que foi, aos poucos, assumindo novas nuances a partir do golpe militar em 1964 (RIBEIRO, 2008, COIMBRA, 2012).

Conforme aponta a literatura, o Black Soul consiste de, em um estilo musical criado a partir da reelaboração criativa em meio lúdico, articulando musicalmente a vivência negra rural (blues), a religião (Gospel) e a urbana (Jazz) e do R&B (rhythm and blues). Nele se identifica a fusão de diferentes expressões originadas na releitura da matriz africana, à luz dos sentimentos gerados pela vivência da escravidão no ocidente e da inclusão social subalternizada de negros naquele país nos anos de 1950 (VIANA, 1998; PALOMBINI, 2010).



Segundo Viana (1988), Palombini (2009), Ribeiro (2008), Silva (2011) e Alves (2012), uma vez chegado ao Brasil, o Black Soul teve ampla aceitação entre os jovens das cidades, com destaque para a população afro-brasileira, residente nas periferias das cidades – mas não exclusivamente. No período compreendido entre os anos de 1970 e 1980. Os *Black's* como eram chamados em São Paulo e no Rio de Janeiro, ou os *Braus* em Belo Horizonte e Salvador, configuravam um grupo de estilo marcado por forte orientação estético-expressiva e uma corporeidade que interpelava o modelo de integração racial brasileiro.

Embalados pelo som da música e espalhados por diferentes pontos do país, os adeptos do estilo ostentavam uma estética pautada na ética da afirmação étnico-cultural, impondo no cotidiano a imagem da diferença, e explicitando, para alguns, uma “rejeição seletiva” ao nacional – em específico, ao que desumanizava, infantilizava, degradava ou segregava. Os *Black's* afirmavam, assim, um *ethos* que se revelava por meio dos movimentos da dança, de uma indumentária particular e de um repertório linguístico próprio (ainda que reelaborado do inglês). Neste contexto, merecem destaque os bailes *black's* – eventos encontro para a fruição do Soul, que instituíam um tempo-espço de livre expressão desta orientação estético-expressiva e também organização social e política.

Em paralelo à emergência e disseminação do Soul no Brasil, desencadeou-se um forte movimento reativo ao estilo, movido por setores conservadores da sociedade, apoiado pelo regime militar. No plano da política, as críticas ao movimento partiam tanto da esquerda – que avaliava se tratar de uma “invasão imperialista” – quanto da direita que via no estilo uma clara ameaça de “conspiração comunista” (MEDEIROS, 2016). Contudo, essa relação tensa entre estética e política, no que concerne aos negros, perde sua força e validade, na medida em que os negros passaram a compreender a positividade de seus jovens “olharem para si, sua cultura no presente e a de seus antepassados, de forma a ir elaborando uma identidade de pertença positivada” (GOMES, 2006, p.224).

Tal como ocorrera no campo das artes e da cultura em geral durante a vigência da ditadura, também no caso do Soul foram registrados forte censura às músicas inspiradas no estilo produzidas no Brasil, prisão e exílio de artistas, proibição de bailes e, ainda, repressão direta a seus adeptos, sob a forma de violência policial, constrangimentos verbais e revistas vexatórias, “além de prisão arbitrária e agressões morais e físicas” (MAGNANI, 2003; CARDOSO, 2002; RIBEIRO, 2008).



Conforme desabafa MASTER BLACK, um Brau da “velha guarda”, o que ocorria na cidade de Belo Horizonte, à época:

Parecia... não! Era uma perseguição né. Era uma perseguição que nós... (...) Tinha aquela senhora lá... Gloria Lopes [radialista policial à época]. Ela não dava sossego. Não sei o que ela tinha contra o Máscara Negra... Ela falava assim: Oh senhor secretario, porque o senhor não passa naquele lugar ali na Rua Curitiba que só tem marginal. Só tem bandido naquele lugar. Falava assim rasgado né (entrevista MASTER BLACK, 59 anos 09/2016).

Apesar desta perseguição, a “encarnação” de valores do Black Soul na cidade mobilizava e ensejava entre os jovens negros adeptos ao estilo, a produção de outros sentidos objetivos e subjetivos, individuais e coletivos, de afirmação identitárias, fundada à época em uma nova forma de *ser-e-estar-com-e-como-outros, entre-os-outros*, que se expressava na alegria, na diversão, na dança e no lazer, mas, também estava vocacionada para a expressão e organização políticas, conforme atesta Carlos Alberto de Medeiros, em relato publicado em Março de 2016 no artigo: *Como a ditadura espionou o movimento negro – e os “perigosos” Black’s*:

(...) ao entrevistar fundadores dos blocos afro Ilê-Aiyê e Olodum, como Antônio Carlos Vovô e Edu Omô Oguiam, os quais me confirmaram como afirma Antônio Risério em *Carnaval Ijexá*, que os bailes de soul estão na origem dessas organizações: “Nós dançávamos *obrown*”, confirmou Vovô numa entrevista informal (grifos do autor).

Muito embora o excerto acima dê indícios da dimensão e potencial político do Soul, é possível que esta seja uma característica desta prática sociocultural tal como o vivenciada na época, pois, segundo nos informaram os Black’s da velha guarda belo-horizontina, nos anos de 1970, ir ao baile dançar Black Soul estava também ligado à organização política de uma identidade alimentada por reivindicações sociais e raciais, que demarcando a resistência de quem, consciente do lugar ao qual a sociedade lhe reserva e, no qual trabalha para mantê-lo, se une, tomando a cultura como instrumento de resistência:

(...) nos somos a resistência. Nos viemos de onde? Nos viemos do preconceito racial, da repressão que era a ditadura militar né. Sem dinheiro no bolso, descalço sem nadae ainda tem o prazer de dançar. Isso chama resistência e estamos até hoje. O que era uma coisa vista como marginalidade hoje é cultura. Quem era nós... Sonhar que um dia alguém ia nos entrevistar... (entrevista MASTER BLACK, 59 anos 11/2014).

Apesar desta forte mobilização cultural politicamente orientada, no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, o estilo Soul estava enfraquecido devido a investimentos da indústria fonográfica em novos ritmos como a discoteca e também repressão sobre os Braus.



A partir de então, o estilo manteve-se vivo, na esfera pública, pelos “Flash back’s” das rádios populares e nos bailes das periferias das cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e também Belo Horizonte que incluíam a Soul Music em seu repertório.

Além de mobilizar diferentes grupos de idade para a dança, estes bailes ensejaram o contato entre a “velha guarda” do Soul e a nova geração que os frequentavam, no interior da qual havia, adeptos de novos e renovados estilos da Black Music, fortemente influenciados pelo Soul, tais como o Rap e o Funk – apontados, na literatura, como formas atualização daquele estilo (PALOMBINI, 2010; ALVES 2013).

Aliada a esta presença efetiva e performática, possibilitada pela sobrevivência de alguns bailes, em meados dos anos de 1980, fatores como a abertura democrática, e os avanços tecnológicos deram novo impulso ao Soul no Brasil, destacando-se, neste contexto, a chegada do canal de tv MTV – Music Television¹ – por meio da qual se tornou possível, para grande parte dos adeptos remanescentes da velha guarda e principalmente para os novos adeptos e simpatizantes do estilo, ver o que na maioria das vezes só ouviam:

Ai, eu sempre fugia porque eu gostava de dançar, porque eu via pela televisão, pela... pela... como é que fala gente?... Canal 29.... Eu via pelo canal 29. Sempre via Michael Jackson, James Brown, os passinhos. Ai eu aprendi a gostar de dançar os passinhos, quando comecei (entrevista MASTER DANCER MEN, 48 anos 07/2016).

Tendo recebido novo fôlego graças ao avanço tecnológico e à ampliação do acesso aos meios de comunicação de massa do período de abertura e pós-ditadura, atualmente, decorridos mais de cinquenta anos da chegada do estilo ao Brasil, o Black Soul mostra vitalidade, tanto inspirando a elaboração de novos estilos musicais na cidade, quanto mobilizando a realização de eventos (re)criados, especificamente para sua fruição. Nestes, se encontram diferentes gerações que se relacionam com o estilo de diferentes modos (que vão dos Black’s da Velha Guarda que protagonizaram a época de ouro do Soul a jovens que, tiveram ou não algum contato anterior com o estilo, chegando a adolescentes, e crianças) que se convertem na fruição deste tempo-espço de lazer, para a expressão de valores e dimensões étnicos, éticos e estéticos de uma identidade negra compartilhada.

¹Canal de televisão lançado em 1981 inicialmente a cabo e via satélite, mas que nas capitais brasileiras estava presente como canal aberto. Esse canal tinha como programação uma programação tocar vídeo cliques apresentando praticamente todos os estilos de música tanto da época quanto do passado, guiado por personalidades da televisão e da música que ficaram conhecidos como VJs (video jockeys) que foi um fenômeno de audiência entre jovens e mesmo adultos nos anos de 1980.



Apresentando-se, numa primeira mirada, como um tempo-espaço de lazer, onde se rememora um gosto passado, tais eventos se mostram, sob um olhar mais atento e inquiridor, como uma importante oportunidade de encontro intergeracional espontâneo, no qual concorrem pessoas de diferentes idades, que se colocam junto e em face aos outros com abertura e desejo de apreender o Soul, compartilhando de uma forma de ser e estar que se configura e afirma no e pelo corpo que dança.

Frente a tal constatação e, considerando a potencialidade deste encontro no que se refere à aproximação e interação entre os velhos Black's – cuja identidade fora forjada e embalada ao som do Soul há mais de quatro décadas atrás – e os jovens, também negros, cuja presença no baile pode sinalizar o desejo de compartilhar com os demais uma dada identidade, a uma das perguntas que fizemos foi: Quais dimensões educativas e socializadoras estão presentes no lazer das pessoas, participantes do baile Black Soul belo-horizontino do século XXI?

O Baile Black Soul da Praça na metrópole no início do Século XXI

O Baile Black Soul da Praça Sete de Setembro constitui uma prática sociocultural de lazer resultante de uma ação coletiva que, há dez anos², reúne entre duzentos e cinquenta a quatrocentas pessoas aos domingos para dançar Black Music, no ponto mais central da cidade. Trata-se de um evento nascido no contexto de (re)emergência de Bailes Black's nessa cidade, tendo sido estudado primeiramente por Ribeiro (2008, 2010)³.

O estudo etnográfico realizado no baile, no período compreendido entre primeiro semestre de 2013 e segundo semestre de 2016, revelou que o evento é, em princípio, um espaço de lazer, aonde se vai para dançar e se divertir, mas, para parte dos frequentadores, sua importância extrapola este sentido:

²O Baile Black Soul da Praça Sete de Setembro constitui uma prática sociocultural de lazer e ação de um movimento mais amplo que está articulado ao processo de (re)emergência do estilo na cidade. Acontece na praça, mais central da metrópole há aproximadamente 10 anos e reúne entre duzentos e cinquenta a quatrocentas pessoas, jovens, adultos mais velhos aos domingos à tarde para dançar. A sua organização desse evento público conta com quatro equipes de som que são responsáveis em promover o baile, sendo que em cada semana do mês uma equipe de som fica responsável pelo baile. Na atualidade o baile acontece em franca tensão com a prefeitura municipal de Belo Horizonte que tem atuado no sentido de reduzir os bailes.

³Ribeiro apresenta em 2008 o Quarteirão do Soul como um movimento social encabeçado por pessoas de baixa renda, vindas das mais diferentes regiões da cidade, na faixa dos 45-50 anos, que se reuniam todos os sábados na área do baixo-centro de Belo Horizonte, apossando-se da calçada e da rua, para dançar *Black Music*. Fundado em 2004, aos poucos foi se popularizando, de forma que das cerca de meia dúzia de pessoas do início, atingiu um público de quinhentas pessoas em 2008. Para saber mais Ribeiro (2008, 2010) e Coimbra, (2013).



(...)O baile é importante porque é possível encontrar amigos dos anos 70 que a vida separou (...); Porque quem dança Soul não tem problemas de pressão e nem de depressão (...); Para curtir o tipo de música que agente gostava, e que aprendi a ouvir com meus vizinhos quando era jovem(...). É importante porque o povo tem que se divertir e esse(s) baile(s) são o lazer; por causa da alegria, diversão (...); por causa do resgate de pessoas que estavam se embebedando pela cidade, mas que agora [se] encontram aqui dançando, onde não são discriminados; (...) porque atraí os jovens (...);porque gente nasce é para brilhar (...); por que trabalho pra um monte e é estressante para mim que sou dona de casa, mas também pra um monte de gente aqui (...); porque quando venho no baile danço e me divirto, parece que limpa e eu entro na semana leve e sem estresse (...); porque quando era jovem não podia ir e é bom encontrar um baile com o som das antiga (...); porque, quando era jovem sempre quis ir, mais meu pai não deixava(...); porque mostra um pouco de nossa cultura, Cultura Negra!(...);porque amo dançar James Brown!(notas de campo, ago/set 2014, exercício de etnomusicologia).

Este significado que frequentadores atribuem ao baile – sentido subjetivo –, remete a uma dimensão inscrita na memória individual – sentido subjetivo individual –, cuja construção é de base social, conforme discutido por Ecléa Bosi (1994) – sentido subjetivo social.O sentido subjetivo social configura a produção sociocultural por meio da qual uns “ensinaram a gostar”, educando a sensibilidade e inscrevendo a Alma Soul nos que ali vão para dançar, celebrar a vida, lembrar, viver e se libertar.

Sua positividade se origina em diferentes aspectos individuais e coletivos da vida, e sua realização contribui, entre muitos outros fatores, para suprir carências deixadas pela inação do Estado frente às demandas de um segmento específico da sociedade que vê no baile, muitas vezes, a oportunidade desses refazerem, para retomar, na segunda-feira que se avizinha a faina cotidiana:

(...) Então é uma coisa que às vezes eu paro e fico sabe olhando. Quem tem problema de saúde ali na hora não tem problema nenhum, como diz é um remedinho pro final de semana (risos)(entrevista BLACK MONIC,54 ANOS,08/2016).

É físico. É uma coisa que mexe com tudo. Não só o físico, mas também o mental. Tudo cara, porque você vem de uma rotina estressante, você trabalha, estuda, está ali correndo atrás. No meio da semana você não vê tempo pra você dar uma relaxada. E assim chega no domingo e encontra esse tempo pra vim dançar. Ao mesmo tempo que eu estou me divertindo, eu estou fazendo um movimento ali, que está relaxando o meu corpo. Onde eu me sinto super bem (entrevista NEW BLACK DANCER, 22 anos 08/2016).

Seus frequentadores têm a possibilidade de reforçar as potencialidades do ser e fazer-se pela e na cultura, no encontro com pessoas de trajetórias distintas, referenciadas num passado comum que não é apenas o de escravidão, exclusão e \ou inclusão subalternizada, mas também de força, resistência, afirmação, positivação de si, luta pelo direito à cidade e



livre expressão do corpo e de *ser-e-estar-com-e-como-outros,entre-os-outros*, por meio dos corpos que dançam ao som da *Soul Music*:

(...) A Praça Sete é pra mostrar a cultura de verdade. Os Blacks estão lá pra que? Mostrar passinho, mostrar amizade, respeito, talento. E isso! são as fundações[referencia a Fundação de Municipal de Cultura de Belo Horizonte] é quem tem que fazer. Os cara ganham um notão e não faz nada (entrevista SNOW BLACK,58 anos,09/2016).

Ir ao baile, portanto, representa acessar um tempo-espaco para rever os antigos amigos e se divertir, festejar, dançar, celebrando a vida e reivindicando, ao mesmo tempo, o direito à cidade e ao lazer.

Outra importante característica do evento é que, embora remeta a uma forma de expressão musical e estilo dos anos 1970, o baile está atualizado tecnologicamente, sendo este um aspecto que se revela, por exemplo, aparelhagem que anima um dos bailes⁴, composta pelas caixas de som e por amplificadores ligados a um notebook, no qual um programa específico reproduz toda a mesa de som e os toca-discos⁵.

Também contribui para evidenciar a atualização tecnológica do estilo na contemporaneidade as inúmeras referências textuais e audiovisuais de sua ocorrência na internet, não sendo raro encontrar, nas mesmas, protagonistas históricas do movimento Black Soul belo-horizontino.

No evento, o modo de ser Black de outrora é presentificado, por meio da utilização, dos adeptos mais convictos, de um figurino de época que compõe a figura do dançarino sendo adotado por aqueles que desejam, de fato, se mostrar e serem vistos como Black's:

(...) quem gosta de dançar, gosta de...tem que andar bem vestido. Alinhado. É isso aí que nós passa pra pessoas nova, que está chegando. Então muitas pessoas estão aprendendo a vestir da época (entrevista SNOW BLACK,58 anos,09/2016).

A utilização de trajes específicos inspirados no estilo Soul dos anos de 1970 também ajuda a diferenciar os diferentes grupos de idade que habitam a cena do baile entre os Black's da "velha guarda" e os adultos, conforme nos contou Master Dancer Man:

(...) o Black, eles andam mais social e mais a caráter. E eu não quero ser igual a todo mundo, eu quero ser diferente (...)muitas pessoas me chama de mágico, eu tenho

⁴As músicas apresentadas caracterizam o estilo de cada um dos DJs, a adesão e constituição de seu público implicada os Black's da "velha guarda" e as especificidades que eles vem nesse fazer, como compreender a emoção que emerge da pista é uma tarefa dos Djs que deve traduzir os sentimentos na discotecagem.

⁵ Ressaltamos, contudo, que preservação de características mais originais ao estilo também foram verificadas na promoção de bailes ao som do disco de vinil tocado nos pick-ups tradicionais.



fraque. Tenho roupa de mágico mesmo. Muitas pessoas me chamam de garçom. Eu faço terno estilo garçom mesmo, mas tipo assim mais pra passar alegria pra as pessoas. (...) eu tenho um terno da seleção brasileira. Verde amarelo azul e branco (...), tenho sapato plataforma, que é salto alto, que é da época. Fiz uns 23 ternos. E eu tenho mais ou menos uns trinta pares de sapato em cor, colorido (entrevista MASTER DANCER MEN, 48 anos 07/2016).

Verifica-se, ainda em relação às indumentárias, que sua utilização pode sinalizar certa transgressão de gênero, na medida em que as mulheres se permitem adotar também às roupas masculinas para compor o visual Black:

(...) sapato bicolor né... Antes era só homem, mais a gente também vai na ondas dos homens (risos) e calça também igual. O terninho (...) tem muita roupa brilhosa né... pra destacar, suspensório. Eu gosto de usar gravatinha também, camisa social com gravatinha e...vai no estilo dos homens também ai fica a época de oitenta (entrevistas BLACK MONICA, 54 anos, 08/2016).

É importante ressaltar que muito embora o Soul seja parte constitutiva da vida de muitas destas pessoas, este mergulho no passado é pontual e experimentado apenas nos momentos de fruição do estilo e do lazer. No mais, são homens e mulheres de seu tempo e, como tal, com seus trabalhos semanais – costureira, operário, profissionais de construção civil, auxiliares administrativos, vendedores, catadores de materiais recicláveis – que fazem uso de aparelhos celulares, acessam a internet e as redes sociais, estão no face book, não sendo raro vê-los dando entrevista, respondendo a pesquisas e/ou posando para fotos durante o baile ou dando entrevista para escolares, turistas e outras pessoas que por meio de selfs e mesmo pequenos filmes lançam-nos, junto com o movimento, no mundo infinito da realidade virtual.

Dimensão Educativa do Baile Soul na Praça

Conforme apontado na literatura acadêmica, a experiência educativa não se reduz aos espaços e/ou formas escolares, se efetivando, enquanto prática social, nos diferentes contextos, ambientes, lugares e situações do cotidiano de nossas vidas, pressupondo, para se configurar, o encontro e o diálogo entre duas ou mais pessoas que se façam na aventura do fazer-se juntas no ensinar-aprender mútuo (FREIRE, 1980, 1981, 1987; BRANDÃO, 1984; UDE, 2014).

Em sua forma escolar – socialmente valorizada e central para a formação das novas gerações da modernidade –, a educação é pensada como processo para ser vivenciado entre pares de idade, tendendo a se tornar uma tarefa complexa e, por vezes, de difícil realização, em contextos marcados pela diversidade etária, como no caso das “questões geracionais vista



como dificultador do processo ensino-aprendizagem” pelos professores da Educação de Jovens e Adultos, conforme identificaram Machado e Rodrigues (2013 p.68-69):

Dificuldades em compreender os “ritmos e costumes dos idosos”, irreverências e hábitos juvenis, jovens que evadem e levam “à desistência educando adultos que não conseguem, devido ao cansaço e dificuldades de concentração, tolerar o burburinho dos jovens e adolescentes”, “conflitos no espaço escolar por problemas comportamentais e visão de mundo”, “alunos mais velhos dizem que vão embora da escola porque não aguentam a bagunça desses adolescentes em sala”, turma só de adultos, “é mais frequente, com pouco abandono, embora sejam os que mais têm dificuldades de aprendizagem e a turma de menor rendimento”.

Diferentemente do que ocorre na educação formal de jovens e adultos, nosso estudo etnográfico mostrou que o Baile Black Soul da Praça Sete de Setembro configura-se como uma destas múltiplas situações nas quais os sujeitos, jovens adultos e mais velhos, se encontram e, por meio do diálogo – no qual, na maior parte das vezes, é o corpo quem fala por meio da dança –, vão aprendendo, (re)construindo e consensuando conhecimentos, saberes e fazeres, bem como compartilhando formas *ser-e-estar-com-e-como-os-outros*, no espaço-tempo vivido. Esse aspecto está reconhecido no jovem olhar de New Black Dancer quando fala do que os jovens aprendem nessa prática sociocultural de lazer:

(...)essa galera que está chegando agora está aprendendo muito a respeito do... respeito pra com o outro, porque o Movimento Black Soul (...) agrega todo mundo. Pode chegar. Pode chegar um adulto, pode chegar uma criança. Pode chegar um homossexual. Pode chegar... Todo mundo é bem vindo. Todo mundo se torna a mesma coisa. Tem de um morador de rua que cata uma latinha, que mora ali na rua, que não está nas melhores condições de vida, a uma pessoa que está numa melhor condição. E tudo mundo é tratado da mesma forma. Todo mundo vem pra dançar e se divertir(entrevista NEW BLACK DANCER, 22 anos 08/2016).

Conforme indicado no excerto acima, o contato entre pessoas de diferentes grupos de idade no baile é visto com positividade; o respeito entre as pessoas não anula as diferenças e nem a identidade de cada um. Inteligidas no interior da prática sociocultural, a participação de grupos dotados de características próprias, é vivência e processo; a identificação se estabelece em interações intra e interpessoais que, preservando a singularidade põe em suspensão as hierarquias sociais:

(...) E aqui ninguém machuca ninguém cara. Aqui todo mundo é irmão. Aqui é uma família né (...) se você souber tratar os irmãos aqui com maior carinho e maior respeito pronto vai passando (entrevista SNOW BLACK, 58 anos, 09/2016).

Neste contexto, se estabelece um processo educativo transgeracional, movido intencionalmente pela ação orientada no sentido de apresentar e transferir para os mais novos um patrimônio social e cultural; processo que se realiza tendo por base a percepção e



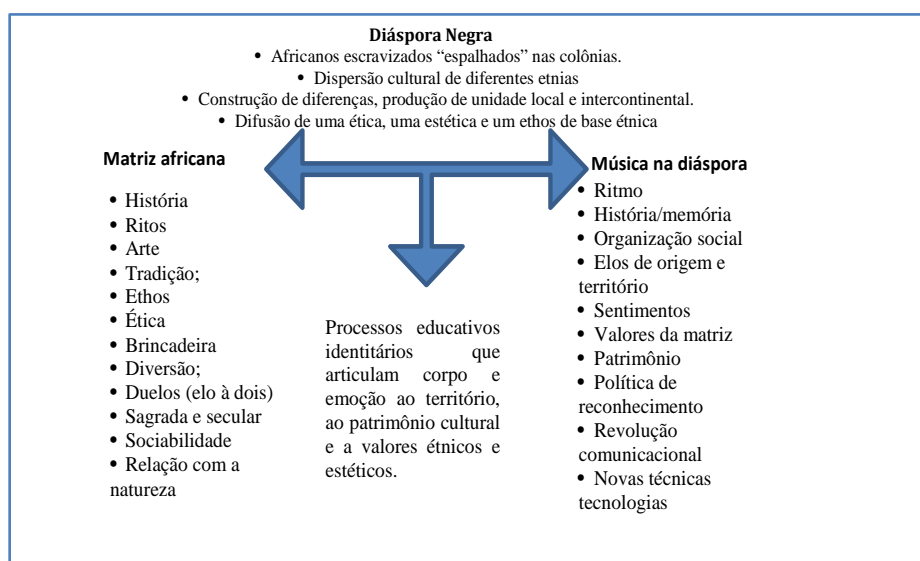
consideração ética do outro, entendida como fator de transformação, conforme explica, novamente, SNOW BLACK:

(...) Bom... a primeira coisa que eles aprendem lá é o carinho e o respeito. Carinho e respeito é a primeira coisa que eles aprendem. As vezes chegam de um jeito e sai de outro. Ele vai pro Baile achando que é um Baile como outro. (entrevista SNOW BLACK, 58 anos, 09/2016).

Trata-se de um fazer educativo o ensino-aprendizagem que se dá pelo exemplo, na prática, no fazer junto, por meio de relações dialógicas complexas, pelas quais a velha guarda do Soul trabalha para transmitir, para os iniciandos. Um ethos constituído por valores étnicos, éticos e estéticos, de modo a engendrar condições e possibilidades de permanência de uma identidade negra compartilhada, forjada em períodos anteriores, mas nem por isto destituída de sentido no presente vivido, instituindo um *continuum* histórico-cultural:

(...) É importante que o Black Soul continue para poder trazer mais alegria na Praça. É movimento, é uma área de lazer que a gente tem. Que as crianças, que os jovens que estão entrando agora aprendem a cultura. Aprender a dança. Aprender a ter espaço. E aprender a fazer amizade, porque a amizade é a coisa mais importante. Porque o que James Brow deixou, nós estamos acabando de recuperar agora. Então nós aprendemos, e agora estão vindo outros que vão aprender também. Principalmente as crianças, que sejam bem vindos ao estilo Black Soul. Valeu...uê? Se é que eu tenha falado alguma coisa que presta né (entrevista DONA BROWN, 57 anos 07/2016).

A partir dos estudos e achados de nossa investigação, percebemos que este processo complexo e dialógico é educativo, intencional, mobiliza múltiplas dimensões identitárias, e embora traga o novo, também preserva aspectos da educação na matriz africana, cujas inter-relações tentamos reproduzir no esquema que segue:





Embora no Brasil e em outros países a forma cultural africana e negro-descendente tenha sido renegada à categoria de culturas, menores ou inferiores à cultura ocidentalizada, judaico-cristã, às diferentes etnias africanas, dispersas nos territórios coloniais, por meio de processos dialógicos e complexos conseguiram “reimplantar aqui os elementos básicos de sua organização simbólica de origem” (SODRÉ, 2002,2005).

Na produção dessa cultura afro-diaspórica, as práticas, os processos e ações foram estabelecidos num campo sociocultural de mediações simbólicas, pelos quais todos, e cada indivíduo compreende e apreende e ensina, tendo na ética, estética e *ethos* como organizadores de seus relacionamentos com o real. Essa reelaboração criativa configura, tanto, novos significados sociais e culturais para as localidades, quanto preservaram valores e etnicidades da matriz africana na coletividade.

Entre os grupos de idade (mais velhos, adultos e jovens) nas práticas educativas, que se dá em atividade que acontecem no interior dessa matriz, o ensinado se revela no comportamento (ser e estar), formas de compreensão de si no tempo-espaço da prática, (territorialização), no sentir pensar e fazer de sua corporeidade, dimensão estético-expressiva que se ensina pelo exemplo, fazeres e trocas entre as pessoas dos grupos de idade. O respeito, solidariedade, carinho, a emoção e corporeidades, contribuem para a construção individual e coletiva de formas de *ser-e-estar-com-e-como-outros, entre-os-outros* (identidade).

No plano transgeracionalidade essas práticas e processos são intencionais, e portanto, detentores de sentidos objetivos e subjetivos e significados – político, social, cultural e cotidiano – que estão presente na história, ritos internos, tradição, *ethos*, ética, brincadeira, diversão, duelos (elo à dois) e forma estético-expressiva. Presente ainda, na sociabilidade, relação com a natureza e na forma dissociada da relação entre sagrado e secular contribuindo na preservação de valores éticos, estéticos, patrimoniais, ritualísticos da matriz africana e negro-descendente (permanência), alteridade, apropriação de novas técnicas e tecnologias entre outros conhecimentos, possibilita a educação, inclusive das emoções.

Nesse sentido o baile configura um espaço-tempo territorializado, no qual passado futuro e presente estão nas experiências, guiadas à luz das diretrizes de dados grupo e pela prática e ações participativas coletivas tornadas cotidianas. O território educativo comporta as trajetórias individuais e coletivas que integram a vida do grupo, de um lado produzem a sua unidade e de outro, preservam e positivam sua diversidade.



Nos processos e práticas educativas que acontecem o “educador” são os outros de modo que jovens aprendem com adultos e mais velhos; adultos aprendem com jovens e mais velhos; mais velhos aprendem tanto com os jovens, quanto com os adultos. E, embora haja tensão em função das diferenças, estas são superadas em pró da unidade, coletividade e pelo reconhecimento das singularidades.

Considerações teórico-metodológicas

No tocante ao referencial teórico-metodológico adotado na pesquisa, cabe informar nossa escolha pela base epistêmica proposta por González Rey (2003, 2005) que propõe a subjetividade como um macro conceito, por compreendermos que sua utilização possibilita vincular o sujeito histórico-cultural, o estilo musical, as práticas socioculturais de lazer e o grupo de estilo, a outras dimensões da vida vivida.

Nesta epistemologia o sentido é cambiante, dialético e dialógico, caracterizando-se como uma representação complexa de subjetividade, na medida em que pode se apresentar de variadas formas. Constitui-se como uma formação dinâmica fluída e complexa, diferentemente do significado –outro conceito importante dessa orientação teórico-metodológica – que possui sentido mais estável, portanto, demora mais para mudar.

Na perspectiva do autor, a integralização da realidade que se dá por meio de uma reconstrução configurativa de realidade, que, como indicado por Ude (2011), é tensa, complementar e antagônica, e diz, portanto, de operações dialógicas e complexas como possibilidades de conhecer motivos e justificativas da ação dos sujeitos, a partir de vínculos que estabelecemos entre as instâncias sociais, a realidade vivida e os processos sociais que transversalizam a situação de estudo.

Essa orientação tem nos possibilitado articular o sujeito histórico-cultural singular – individual e coletivo – como produtor de si e do espaço-tempo desse lazer, pela dimensão integralizadora que propõe, sem refutar a complexidade, mas a incluindo-a, ampliando, assim, o potencial descritivo, interpretativo e analítico dessa pesquisa antropológica, configurando ao fim, “uma via essencial para a produção de teoria, isto é, para a construção de modelos teóricos de inteligibilidade no estudo” (GONZÁLEZ REY, 2005. p.29).

Ao estudo etnográfico e realização de entrevistas episódicas associamos, no desenvolvimento da pesquisa, revisão de literatura compreendendo diferentes campos e do



conhecimento e estudiosos dentre os quais destacamos, na sociologia, Hermano Vianna (1986, 1987); na Antropologia, Rita Ribeiro (2008, 2010); na Geografia, Carlos Palombini (2008,2009); na Música, Marcos Cardoso (2002), Amanda Alves (2010) e Rafaela Naked (2012); na história, Kely Coimbra e Luz Alex Saraiva (2013); na Administração, Antônio Carlos Medeiros (2016) na sociologia.

Também foram estudadas publicações específicas sobre o estilo Soul, discografias, reportagens em jornais, revistas e sites de internet e biografias dos ícones desse gênero musical com destaque para James Brown. Constam, ainda, no acervo do material investigado os documentários *Irmãos de alma: Brother Soul*, 30 anos feitos pela fundação municipal de cultura de Belo Horizonte lançado em 2016, em parceria com a Ong Favela é isso aí, e o Documentário *BH Soul: A cultura Black de Belo Horizonte* do Diretor Tomás Araújo, lançado em 2010.

Esse expediente tem possibilitado vincular o sujeito histórico-cultural ao estilo musical, e as práticas socioculturais. Identificar no grupo de estilo permanência de valores e produção de novos e relacionar o lazer vivido à outras dimensões da vida além da apropriação e uso das tecnologias de informação e comunicação e de sua educação.

Considerações

Nos anos de 1970 o Black Soul, por meio do lazer, da diversão, da sociabilidade, de sua indumentária e dança, animou as pessoas, com destaque para os afro-brasileiros e negro-descendentes, contudo, mais do que animar pessoas o estilo musical deu anima as articulações culturais e políticas coletivas antirracismo e foi importante para a retomada do movimento negros, que se expressará de forma mais marcante no final dessa década e início dos anos de 1980.

A pesquisa tem evidenciado que o Baile Black Soul belo-horizontino consiste em um tempo-espço privilegiado de educação intergeracional, orientada para a transmissão de um dado acervo de conhecimentos produzidos no interior da cultura humana, que pressupõe o compartilhar de saberes e reforço de determinadas formas de *ser-e-estar-com-e-como-os-outros*, contribuindo para a definição de papéis sociais que diferenciam os indivíduos no interior de uma mesma sociedade.

Considerado, assim, tanto como prática social e processo educativo fora da formalidade escolar, trata-se de um fenômeno que pressupõe a intencionalidade e



intergeracionalidade, pois traz em si a pretensão de apresentar o mundo, tal como é, àqueles que chegam a ele e devem dele se apropriar, para nele atuar, garantido sua continuidade (FELIZARDO JUNIOR, 2012, p.12).

Assim, a complexidade fenomênica do evento se expressa na diversidade de sentidos (objetivos e subjetivos) e significados – que estão sistemicamente articulados ao espaço e ao tempo do lazer produzido pelo sujeito –, bem como nas relações intersubjetivas nele estabelecidas. Nesse sentido a ética, estética e ethos a ele inerentes emergem como organizadores das interações entre os que dele participam.

Por fim, a articulação teórico-metodológica á empiria tem possibilitado apreender no interior desta prática de lazer no século XXI, aspecto de educação e formação que preservam valores, etnicidades, um movimento individual e coletivo que denota busca da liberdade, de movimentação do corpo, espaço, tempo na cidade. E para além de uma resistência cultural, pela prática e pelo fazer individual e coletivo o enfrentamento na busca de liberdade de um segmento populacional ao qual tal bem social fora e segue sendo negado se faz. Para, além disso, apreende-se no contato com os diferentes grupos de idade a existência de uma rede cultural que é protetivas e promotora da vida além da apropriação e uso das tecnologias de informação e comunicação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Amanda, Palombo. Os meios de comunicação brasileiros e o surgimento da black music In Revista Urutáua – academia multidisciplinar Nº 22 out/Nov/dezembro. 2010. acessado em agosto 2013.
- BRANDÃO. Carlos Rodrigues. O que é Educação. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- CARDOSO, Marcos Antônio. O movimento negro em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.
- COIMBRA, Kelly. E. R, Dinâmica Territorial Urbana: Análise do Movimento Quarteirão do Soul em Belo Horizonte- 2013. 204 f. dissertação (mestrado em administração). Faculdade de ciências econômicas. UFMG, Belo Horizonte. 2013.
- COIMBRA, K. E. R, SARAIVA, L.A.S. Territorialidade em uma organização -cidade: o Movimento Quarteirão do Soul. Gestão & Regionalidade - Vol. 29 - Nº 86 - mai-ago/2013 Gestão & Regionalidade - Vol. 29 - Nº 86 - mai-ago/2013 disponível em: file:///E:/textos%20doutorado/BLCK%20SOUL/uma%20territorialidade%20quarteirão%20do%20soul.pdf. Acessado em 10/2012.
- FELIZARDO JUNIOR, L. C. Pressupostos didático-pedagógico em EaD, 2012 Link https://caedvirtual.grude.ufmg.br/pluginfile.php/525/mod_forum/attachment/585/Pressupostos%201-12.doc.



- FREIRE, Paulo. O Homem e Sua Experiência/Alfabetização e Conscientização. In: FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 13-50.
- _____. A alfabetização de adultos – crítica de sua visão ingênua compreensão de sua visão crítica. In: FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981, p. 11-20.
- _____. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 49 ed. São Paulo: Global, 2004.
- _____. *Atenção, brasileiros*, Diário de Pernambuco, 15 de maio de 1977.
- FRIAS, Lena. Black Rio - O Orgulho (Importado) de Ser Negro no Brasil. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 jul. 1976. Caderno B.p.4-6.
- GIACOMINI, Sonia Maria. A Alma da festa – família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed AFMG; Rio de Janeiro Ed. IUPERJ: 2006.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- MACHADO, Maria M; RODRIGUES, Maria E. C. Diversidade geracional na educação de jovens e adultos – implicações para a prática pedagógica. Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES, Vitória, ES. 10, v. 19, n. 37, p. 00-00, jan./jun. 2013.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. 2 ed. São Paulo: UNESP; HUCITEC, 2003.
- MEDEIROS. C. A. Como a ditadura espionou o movimento negro – e os “perigosos” Black’s <http://omenelick2ato.com/memoria/COMO-A-DITADURA-ESPIONOU-O-MNU/>. Acessado em agosto de 2016.
- NACKED, R. C. Identidades em Diáspora: O movimento Black no Brasil revista desenredos - ISSN 2175-3903 - ano IV - número 12 - Teresina - Piauí - janeiro fevereiro março de 2012.
- PALOMBINI, Carlos. Soul brasileiro e funk carioca. Opus. Goiânia, v. 15, n. 1, p. 37-61, jun. 2009. www.academia.edu/5156488/_Soul_brasileiro_e_funk_carioca acessado em agosto 2013.
- RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. Identidade e resistência no urbano: o Quarteirão do Soul em Belo Horizonte. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- RIBEIRO, Rita A. C. Resistência e identidade no urbano: a black music dita os passos e a apropriação do espaço no Quarteirão do Soul em Belo Horizonte. GeoTextos, vol. 6, n. 1, jul. 2010.
- SILVA, D. F.G. O Som da Diáspora – A influência da black music norte-americana na juventude negra paulistana realizada no programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2011.
- SODRÉ. Muniz. Verdade Seduzida: em busca de um conceito de cultura Rio de Janeiro 1998.
- _____. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 2002
- UDE, Walter. Lazer, Pesquisa e Interdisciplinaridade: Algumas reflexões acerca do contexto atual das produções acadêmicas. Licere, Belo Horizonte, v.15, n.2, jun/2012.
- VIANNA, Hermano. O mundo funk carioca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.